

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOCENTES COM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA — EAD

Maria das Graças de Araújo

Graduada em História (UECE). Especialista em Gestão Escolar (UECE). Mestre em Educação Brasileira (UFC). Ex-bolsista da CAPES. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Itapiúna/CE. Professora colaboradora da Faculdade da Aldeia de Carapicuíba — FALC e tutora da UFC — Virtual. Oficínista da Editora Moderna. Integrante do Núcleo de Pesquisa História e Memória (UFC). Pesquisa sobre história e memória de formação e profissionalização docentes. E-mail: graça_ita@yahoo.com.br

Introdução

Falar de percursos profissionais é refletir sobre a construção e autoconstrução enquanto frutos dos fazeres cotidianos que permeiam a identidade de cada indivíduo no exercício de dado mister.

A profissão docente deve ser entendida como “um conjunto de saberes e fazeres que vão moldando a identidade do professor de tal modo a produzir as especificidades inerentes a cada indivíduo” (ARAÚJO, 2010, p.85). Mais ainda, a docência é “uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana” (TARDIF & LESSARD, 2007, p. 8).

Assim sendo, para se atuar como professores formadores de docentes é necessário perceber a dimensão que tal

atividade envolve, não só porque a docência é um exercício de interação com um outro humano, mas porque esse outro humano, o professor aluno é também um profissional com suas vivências próprias e detentor de saberes diversos.

Por isso relatar experiências de fazeres docentes, é registrar momentos únicos sobre cada realidade vivida, muito embora se reconheça que não é possível expor todos os aspectos do real vivido, isso porque

a historiografia tem, entretanto, esta particularidade de apreender a invenção escriturária na sua relação com os elementos que ela recebe, de operar onde o dado deve ser transformado em construído, de construir as representações com os materiais passados, de se situar, enfim, nesta fronteira do presente onde simultaneamente é preciso fazer da tradição um passado (excluí-la) sem perder nada dela (explorá-la por intermédio de métodos novos) (CERTEAU, 2002, p. 18).

Nessa perspectiva, a história escrita é também construída e, em certa medida, intencional. Os questionamentos são diversos, principalmente no que se refere à questão da objetividade e subjetividade na constituição dessa ciência. Questionam-se também o gênero autobiográfico, porque para muitos ele representa essencialmente os aspectos subjetivos, sem considerar que

o ofício de escrever a vida reverte-se de vinculações estabelecidas cotidianamente com as itinerâncias dos sujeitos em suas relações sociais e institucionais. A escrita da vida seja articulada com as narrativas pro-

fissionais e pessoais ou sociais e culturais, revelam modos como ocupamos os espaços, como nos relacionamos com o trabalho e as produções concernentes à arte ou o ofício de educar (SOUZA, 2009, p. 55).

É com esse entendimento que pretendo relatar algumas experiências por mim vividas enquanto professora formadora de docentes, enfatizando especificamente as que estiveram relacionadas com a modalidade de educação a distância — EAD, pontuando algumas impressões acerca dos limites e das vantagens de tal modalidade. Nessa mesma direção, aprofundo algumas questões sobre a temática, a partir dos postulados teóricos que a envolvem, atentando-me principalmente para a descrição de alguns episódios, conforme se segue:

O Início da Trajetória de Atuação na Modalidade de Educação a Distância

A modalidade de educação a distância — EAD não constitui uma novidade no cenário educacional brasileiro. Sua finalidade, grosso modo, é atender a uma clientela que, por razões diversas, não tem acesso a um sistema de ensino convencional. Contudo, a referida modalidade passou por uma série de transformações, principalmente com a inserção das tecnologias de comunicação, especialmente a World Wide Web — WWW, que facilitou o acesso às informações nos mais variados espaços.

Em período anterior ao acesso à internet, a modalidade de educação à distância dava-se através de estudos que acon-

teciam em momentos presencias e à distância utilizando-se de instrumentais de aprendizagem, geralmente constituídos por manuais ou apostilhas de apoio ao estudante, os quais deveriam ser lidos, para posteriormente verificar-se o grau de aprendizagem adquirido nesse dinamismo. Essa modalidade de ensino expandiu-se de tal modo que passou a ser utilizada também na formação de professores da educação básica em muitos estados brasileiros.

Nesse contexto, no ano de 1999 comecei a atuar como tutora do Programa de Formação de Professores em Exercício — PROFORMAÇÃO. Tratava-se de um programa desenvolvido pelo Ministério da Educação para atender a demanda de um expressivo número de professores das redes municipais de ensino, especialmente das regiões Norte e Nordeste, que não possuía a formação acadêmica compatível com a exigência mínima da legislação educacional em vigor.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no ano de 1996, passou-se a exigir maior nível de escolarização para a atuação docente na educação básica conforme se vê:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 2001, p. 13).

A partir dessa prerrogativa, boa parte dos municípios do interior do Ceará passou a aderir ao programa, de modo que seus professores fossem atendidos. O papel de tutoria consistia no acompanhamento aos docentes em suas atividades à distância, bem como nos momentos presenciais. Assim, minha primeira experiência em Educação à Distância foi realizada junto a um grupo de 08 professoras do PROFORMAÇÃO da rede municipal de Itapiúna/CE.

O curso tinha a duração de 02 (dois) anos e qualificava os professores em nível médio na modalidade normal. As aulas aconteciam nos períodos de férias letivas ocorridas nos meses de janeiro e julho, nos quais os professores alunos, como eram denominados, deveriam se dirigir à Agência Formadora, situada na cidade de Baturité/CE, distante 30 quilômetros do município de Itapiúna. Lá os professores alunos de Itapiúna e demais municípios que compõem a região do Maciço de Baturité, assistiam as aulas presenciais com professores específicos para cada disciplina e recebiam o material didático para estudar durante os demais meses do ano letivo, cujos outros encontros presenciais aconteciam em dias de sábado.

Minha função era fazer o acompanhamento desse grupo de professores no município, visitando as escolas em que trabalhavam e orientando as atividades que deveriam realizar. Foi uma experiência enriquecedora porque tive maior contato com a realidade educacional do município, percebendo seus pontos de estrangulamento e seu potencial. Contudo, o acompanhamento sistemático aos professores alunos me fez perceber com muita nitidez a fragilidade de uma formação

aligeirada que, no meu entender, não supria as necessidades mais prementes dos professores alunos no que se refere ao domínio dos conteúdos e aos saberes pedagógicos tão necessários ao exercício da profissão.

Apesar dessa percepção, continuei exercendo a tutoria por acreditar que pior seria se esses professores alunos não tivessem acesso a um maior nível de escolarização. Por pensar assim, é que entre os anos de 2000 a 2004 atuei novamente na função de tutoria, desta feita no ensino superior.

Nessa função tive a oportunidade de acompanhar um grupo de professores da rede de ensino dos municípios de Itapiúna e Aracoiaba/CE, respectivamente. Esses professores estavam cursando, através de convênio celebrado entre a Universidade Estadual do Ceará — UECE e as prefeituras desses municípios, o Curso de Formação de Professores em Áreas Específicas do Ensino Fundamental de 1ª à 8ª séries, conforme nomenclatura da época. O referido curso lhes garantia a conclusão de uma formação em nível superior, de modo que esses professores alunos teriam a prerrogativa de possuírem a formação inicial exigida para continuarem no exercício de sua profissão.

Atuei nesses municípios fazendo o acompanhamento dos alunos numa disciplina denominada de Ação Docente Supervisionada — ADS. Tratava-se de uma disciplina cujas atividades consistiam na realização, pelos alunos, do estágio em sala de aula, embora já fossem professores. Além disso, esses alunos eram responsáveis pela elaboração e execução de um projeto educativo a ser desenvolvido nas escolas onde ensina-

vam, bem como a construção de um memorial enfatizando, a partir de fragmentos autobiográficos, aspectos de suas vidas relacionados com a formação e profissão docente.

O curso de formação supracitado ocorreu também através da modalidade de Educação a Distância, de modo que os professores alunos participavam das aulas em momentos presenciais que aconteciam nos meses de janeiro e julho e nos finais de semana, em escolas de educação básica nos próprios municípios onde residiam. Uma considerável carga horária era realizada a distância, tendo como apoio aos estudos, apostilhas distribuídas durante as aulas presenciais. Não havia ainda a utilização das tecnologias da informação, como é mais comum na atualidade em se tratando da modalidade de EAD.

As experiências com essas turmas me fizeram refletir cada vez mais sobre a fragilidade de uma formação docente que se dá em serviço e a distância, visto que os alunos desses cursos não têm contato com o ambiente físico e simbólico do espaço da academia, não desenvolvem pesquisas, não têm acesso à biblioteca e outros ambientes que favoreçam o enriquecimento cultural tão necessário para ampliar os horizontes de percepção da realidade. Além disso, boa parte desses alunos não teve uma formação sólida na educação básica, o que dificulta o exercício de muitas atividades já que há uma carência de domínio dos conteúdos, interferindo no desenvolvimento da criticidade e discussão dos temas trabalhados em cada disciplina do curso superior.

Com isso, às vezes me angustio por imaginar que embora a educação a distância seja uma alternativa para democra-

tizar o ensino, percebo que em muitos alunos não se observa um crescimento intelectual como se deseja, muito embora eu reconheça que existam outros saberes por eles desenvolvidos, isso porque “formar é muito mais do que puramente treinar” (FREIRE, 1996, p. 14), visto que

o processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma, em interação (MOITA, 2000, p.115).

Partindo desse pressuposto, acredito na importância da formação enquanto processo inacabado e isso, em certa medida, me move a continuar atuando como formadora em cursos que se utiliza a modalidade de EAD, conforme descrevo outras experiências.

A Atuação Docente em EAD através de Ambientes Virtuais: as Experiências nos Polos da UFC Virtual nos Municípios do Interior do Ceará

A literatura relativa à história da educação em nosso país sinaliza uma expressiva falta de acesso ao ensino superior especialmente para as pessoas residentes nos municípios interioranos principalmente das regiões consideradas economicamente mais carentes, como a Norte e Nordeste.

Contudo, no contexto atual se observa um crescimento na oferta do ensino superior, muito embora ele aconteça

ainda de forma limitada e a cargo muitas vezes da iniciativa privada, através da atuação nos municípios, de institutos de educação superior e faculdades diversas. No caso do Ceará há pouco tempo atrás poucas eram as instituições de educação de ensino superior que atuavam nos municípios do interior do estado. Por essa razão, para ter acesso à educação superior, as pessoas desses lugares se deslocavam para a capital do estado ou para algumas cidades polos onde existem algumas faculdades ligadas às universidades públicas existentes.

Especialmente a partir da década de 1990, mas não exclusivamente, percebe-se um movimento de interiorização de cursos universitários sejam eles realizados por universidades públicas, a minoria, sejam os ligados à iniciativa privada. Esses cursos são mais voltados para a formação de professores e alguns para outras áreas de formação.

O contexto econômico, histórico e social da atualidade aponta a necessidade de um maior número de pessoas com formação superior, o que impulsiona a demanda por tal nível de ensino. Nesse cenário, “a EAD apresenta-se como modelo capaz de superar os déficits na área educacional” (SOUZA, 2005, p. 7). Assim sendo, no Estado do Ceará há em alguns municípios cursos superiores estruturados a partir da sistemática da educação a distância com a utilização de ambientes virtuais.

Os referidos cursos são, em sua maioria, destinados à formação de professores, oferecidos pela Universidade Aberta do Brasil — UAB e administrados pelas universidades públicas existentes no estado, como é o caso da Universidade

Federal do Ceará — UFC, da Universidade Estadual do Ceará — UECE e do Instituto de Federal do Ceará — IFCE.

Atuo desde 2010 como tutora a distância da UFC virtual, cuja função é fazer o acompanhamento dos estudantes nos momentos presenciais nos polos e a distância no ambiente virtual. Os polos ficam nos municípios que geralmente possuem Centros Vocacionais Tecnológicos — CVTs nos quais existem uma estrutura física e laboratórios de informática onde estudam os alunos desses municípios e dos vizinhos. Vale ressaltar que nem todos municípios sedes de polos da UFC ou de outras instituições, possuem Centros Vocacionais Tecnológicos — CVTs. Em alguns desses municípios as atividades acadêmicas acontecem em outras estruturas, sejam uma escola da rede municipal, estadual ou particular de ensino. Já o ambiente virtual refere-se a um módulo específico onde são veiculadas, através dos computadores e da internet, as aulas de cada disciplina dos diversos cursos.

Do início de 2010 até o presente momento já atuei em 08 (oito) polos, ministrando as disciplinas de Estrutura, Política e Gestão Educacional — EPGE e Didática I, quais sejam: Aracati, EPGE no curso de Licenciatura em Química; Ipueiras, EPGE, Licenciatura em Matemática; Barbalha, Didática I no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa; Brejo Santo, Didática I, Licenciatura em Química; Caucaia, EPGE no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglês; Camocim, EPGE, Licenciatura em Química e Meruoca, EPGE, Licenciatura em Língua Portuguesa e Espanhol e Aracoiaba, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica, no curso de

Pedagogia. Vale ressaltar que a última disciplina ainda está em andamento.

O que mais me fascina dessa experiência de docente itinerante são os encontros presenciais que são realizados nos polos, num total de 04 (quatro) por disciplina, além da aplicação da Avaliação Final destinada aos estudantes que não atingiram a média exigida pela universidade.

Nesses encontros é o momento em que tenho contato pessoalmente com os alunos e assim posso identificar suas necessidades, bem como a realidade dos municípios onde ocorrem as aulas, o que considero uma riqueza de aprendizagem, porque é quando acontece uma maior interação entre o tutor e os estudantes. Além disso, são nos encontros presenciais em que se explica a estrutura de cada disciplina ministrada, os conteúdos a serem estudados e se orienta a respeito da sistemática das atividades avaliativas que acontecem tanto presencialmente, quanto no ambiente virtual.

O público alvo desses cursos é, em grande medida, composto por alunos que já exercem a profissão docente, embora existam também aqueles que não são professores, mas que visualizam a possibilidade de serem, sobretudo, porque a profissão docente acaba sendo quase a única expectativa de emprego nos municípios de origem desses estudantes. Observe que o nível de aprendizagem dos alunos deixa muito a desejar, tanto que nas disciplinas em que já atuei praticamente menos da metade de cada turma conseguiu alcançar a média exigida sem ser através da Avaliação Final — AF, ou seja, da recuperação.

Outro aspecto a considerar é o fato da maioria dos alunos já exercerem uma profissão, seja docente ou não, o que dificulta o processo de aprendizagem, haja vista que o tempo torna-se limitado para se dedicarem aos estudos. Além disso, nem todos os alunos possuem computadores com internet.

Desse modo o acesso às aulas acontece apenas quando eles vão aos polos nos momentos em que não estão trabalhando, sem contar com aqueles que moram nas localidades da zona rural dos municípios onde o acesso torna-se mais difícil. Assim, esses alunos contam às vezes com o recurso de uma apostilha produzida pelo professor titular de cada disciplina, cuja reprodução gráfica fica no polo em pequena quantidade que pode ser utilizada pelo estudante através da sistemática de empréstimo.

Além desses aspectos é oportuno ainda salientar que esses estudantes de EAD dificilmente desenvolvem atividades de pesquisa ou extensão, tendo em vista a própria estrutura dos cursos e a falta de bibliotecas públicas com acervo bibliográfico nos polos. As aulas presenciais ocorrem no período noturno. Muitas vezes, em virtude da distância ou do trabalho, alguns alunos chegam depois que já começaram. Desse modo, cada estudante deve desenvolver em si uma autonomia muito significativa para dar conta de seus momentos de estudo e formação.

Observe também que os estudantes têm grande dificuldade em compreender os conteúdos trabalhados nas disciplinas, isso porque a maior parte do tempo destinado a cada uma delas acontece no ambiente virtual. Por razões diversas,

nem sempre os estudantes cumprem os prazos destinados à realização das atividades virtuais, o que interfere no bom rendimento deles.

Percebo que em virtude de todos os aspectos elencados e tantos outros não ditos, essas são, dentre outras, as grandes limitações das formações que se dão através da modalidade de ensino a distância, sem contar que em alguns polos as estruturas não favorecem um ambiente adequado e desejado para uma boa aprendizagem.

Apesar dessas limitações, não dá para negar que sem a alternativa da sistemática da educação a distância, seria mais difícil o acesso ao ensino superior nas universidades públicas para os habitantes dos municípios do interior do estado, principalmente aqueles mais distantes dos grandes centros urbanos.

Portanto, os desafios são grandes, principalmente para que se tenha uma educação verdadeiramente de qualidade para todos para que não se corra o risco de se ter profissionais cuja qualificação não atenda as atuais demandas da sociedade.

Penso que nunca é demais refletir sobre todas as questões educacionais, afinal é papel do educador, desenvolver a criticidade e a capacidade de questionar a realidade ao seu redor, de modo a favorecer as mudanças desejadas.

Algumas Considerações

A profissão docente requer certa sensibilidade para as diversas questões que envolvem o processo de educação, isso porque “o conceito de educação nos leva à formação que dá

conta da humanidade no outro. Esse é o grande significado do ato de educar, fazer o outro ser humano, radicalmente humano” (CAMPOS, 2010, p. 71). Nessa perspectiva, é necessário considerar todos os aspectos que contribuem para que o processo de aprendizagem garanta as condições mínimas necessárias para a atuação do sujeito numa sociedade tida como do conhecimento.

Assim sendo, a modalidade de Educação a Distância — EAD cumpre o seu papel na medida em que consegue atingir um maior número de pessoas com o acesso a uma formação em nível superior. Contudo, não dá para negar os limites de tal modalidade conforme os já expostos no decorrer desse trabalho. Mesmo assim, partindo do princípio de que a aprendizagem pode ocorrer a partir do processo de reelaboração no sujeito que aprende e da formação como um processo inacabado, acredito que valha a pena participar desse processo, dando minha contribuição para que muitos despertem cada vez mais para o fascinante universo do conhecimento.

A atuação enquanto tutora dos cursos de educação a distância me faz perceber a precariedade do acesso à universidade para as pessoas economicamente menos favorecidas, mas também me dá a oportunidade de penetrar no mundo físico e na história de vida de muitas pessoas que sonham com uma vida e um mundo melhor.

Isso me impulsiona a ir em frente e me faz sentir enorme alegria ao cumprir o meu papel de educadora, na certeza de que partilhando conhecimento, contribuo para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual. No en-

tanto, é preciso ver além das aparências das coisas e não se conformar com o pouco que é dado. É preciso sonhar e desejar o melhor para todos, nesse particular, uma educação que seja de qualidade.

Referências

ARAÚJO, Maria das Graças de. *Trajetórias de Formação e Profissionalização de Professoras Leigas do Município de Itapiúna/CE*. Dissertação de mestrado em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. *Marcos Legais — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96*. Brasília, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. *Gestão escolar e docência*. São Paulo: Paulinas, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia — saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOITA, Maria da Conceição. *Percursos de Formação e de Trans-Formação* In: NÓVOA, Antonio. *Vidas de Professores*. Porto — Portugal: Porto Editora, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *Ofício de escrever a vida: memória (auto) biográfica e história da educação* in: Antonio

Carlos Ferreira; ANANIAS, Mauricéia (orgs.). *Educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SOUZA, Mauro Schettino (org.). *Educação Superior a Distância: experiências e contribuições*. Belo Horizonte, 2005.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução João Batista Kreuch. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.